

Rodrigo Diego da Silva

A Importância da Hermenêutica na Vida do Vocacionado.

Trabalho apresentada por exigência da
disciplina de Hermenêutica do curso
de Bacharel em Teologia, ministrada pelo
Prof. Moisés Vieira da
Faculdade Batista ABC – FABC

Faculdade Batista ABC – FABC

Junho/2009

Introdução:

Falar sobre a importância da hermenêutica para nós que estudamos Teologia é quase desnecessário, pois temos visto como é importante tal ciência aqueles que desejam seguir sua vocação ministerial, contudo temos que pensar que a hermenêutica é importante não apenas para nós que estudamos Teologia, mas muito mais importante para as pessoas que tem nos ouvido ou lido nossos artigos, pois trata-se de levar uma “comida saudável”, buscar o sentido real que o autor tencionava.

Quando falamos de hermenêutica, estamos falando da ciência e a arte que estuda a interpretação da Bíblia. Ciência porque estabelece regras positivas e invariáveis, Arte porque as suas regras são práticas. Por isso os que desejam se aprofundar no estudo devem buscar fazer da hermenêutica a arte de suas pregações, escritos e estudos, uma vez que sem ela estamos sujeitos a toda sorte de erros e inclinações que muitas vezes são tendenciosas.

A palavra vem do grego hermenêuticos: Ciência que tem por principal objetivo descobrir o verdadeiro significado de um texto. Quando empregada nas Sagradas Escrituras a sua missão passa a ser interpretar o que realmente Deus quer revelar através da Bíblia, algo muito seio.

Não conseguimos imaginar um mecânico ou um electricista sem a sua caixa de ferramentas, assim como também não conseguimos imaginar um médico, se ele qual for, mas em especial um cirurgião sem as suas centenas de ferramentas, pois bem, assim também não podemos imaginar que exista um pregador, um pastor, ou um professor que não leve consigo sua caixa de ferramentas, assim é a Hermenêutica como caixa que conta com algumas ferramentas, tais como:

Exegese:

É a aplicação das regras estabelecidas pela hermenêutica. Do grego ek + egéomai: literalmente, arrancar do texto. É a prática da hermenêutica sagrada que busca a real interpretação dos textos que formam o Antigo e o Novo Testamento. Vale-se, pois, do conhecimento das línguas originais (hebraico, aramaico e grego), da confrontação dos diversos textos bíblicos e das técnicas aplicadas na lingüística e na filosofia.

Que é distribuída em 5 bases:

- **Exegese Estrutural** - Doutrina que sustenta que o significado do texto bíblico está além do processo de composição e das intenções do autor.
- **Exegese Gramático-histórica** - princípio de interpretação bíblica que leva em conta apenas a sintaxe e o contexto histórico no qual foi composta a Bíblia.
- **Exegese Teológica** - Princípio de interpretação bíblica que toma por parâmetro as doutrinas sistematizadas pelos estudiosos da Igreja.
- **Texto e Contexto** - O texto bíblico é a passagem focalizada como um todo significado dependente do contexto para interpretação. O contexto é o que vem antes e depois do texto.

- **Contexto Bíblico e Histórico** - O contexto bíblico realiza-se na própria Bíblia. O Contexto histórico leva em consideração a época em o autor escreveu. Nalguns casos a própria Bíblia oferece o contexto histórico, mas noutros, é preciso recorrer a livros que abordem questões culturais e históricas.

E que também tem as suas divisões, vejam que rica é esta caixa de ferramentas do vocacionado:

Exegese Rabínica

Os judeus interpretavam a Escritura letra a letra, por causa da noção de inspiração que tinham. Se uma palavra não tinha sentido perceptível imediatamente, eles usavam artifícios intelectuais, para lhe dar um sentido, porque todas as palavras da Bíblia tinham que ter uma explicação.

A Igreja primitiva herdou muito do rabinismo:

Literal: Sentido inerente às palavras, expressão pura e simples da idéia do autor.

Pleno: fundado no literal, mas que tem um aprofundamento não revelado pelo autor. Deus. A palavra do profeta refere uma situação histórica; a palavra de Deus refere o futuro.

Acomodatício: é a acomodação a um sentido à parte que combina com as palavras. É a Bíblia aplicada à realidade apenas pela coincidência dos textos. Por exemplo, em Mateus se lê “do Egito chamei meu filho”... para que se cumprisse a Escritura. Mas o sentido, ou seja, a aplicação original deste trecho não se referia ao Filho de Deus, mas à saída do Povo do Egito. Outro exemplo de acomodação é a aplicação a Maria dos textos do livro da Sabedoria. Estes são mais literatura que Escritura. Todavia, crendo-se na inspiração, aceita-se que as palavras do autor podem Ter uma significação mais profundo que a original.

Exegese Católica

Na exegese católica, partia-se dos escritos dos pais da Igreja para a Bíblia. Para a cristandade defensora dessa exegese, a Bíblia dizia aquilo que os pais da Igreja já haviam dito. Hugo de São Vítor chegou a dizer: “aprende primeiro o que deves crer e então vai à Bíblia para encontrares a confirmação”. Principalmente na idade média, a exegese esteve de mãos atadas pelas tradições e pela autoridade dos concílios. A regra era apegarem-se ao máximo aos métodos tradicionais de interpretação valorizando mais a tradição e menos a Bíblia.

Exegese Protestante

Surgiu do protesto de alguns cristãos contra a autoridade da Igreja como intérprete fiel da Bíblia. Lutero instituiu o princípio da “sola scriptura” (só a Escritura), sem tradição, sem autoridade, sem outra prova que não a própria Bíblia. A partir daquele instante, os Protestantes dedicaram-se ao estudo mais profundo da Bíblia, antecipando-se mesmo aos Católicos. Mas o princípio posto por Lutero possibilitou um desastre hermenêutico, pois ele mesmo disse que cada um interpretasse a Bíblia como entendesse, isto é, como o Espírito Santo o iluminasse. Por causa deste entendimento de Lutero surgiram várias correntes de interpretação, que podem se resumir em Três: a conservadora, a racionalista e a Hegeliana.

A conservadora parte daquele princípio da inspiração como ditado, em que se consideram até os pontos massoréticos como inspirados. Não se deve aplicar qualquer método científico para entender o que está escrito. É só ler e, do modo que Deus quiser, se compreende.

A racionalista foi influenciada pelo iluminismo e começou a negar os milagres. Daí passou-se à negação de certos fatos, como os referentes a Abraão. Afirmam que as narrações descritas, como prova o vocabulário, os costumes, são coisas de uma época posterior, atribuído àquela por ignorância. Esta teoria teve muito sucesso e começaram a surgir várias 'vidas' de Jesus em que ele era apresentado como um pregador popular, frustrado, fracassado.

A hegeliana. Nessa perspectiva, o apóstolo Paulo, entusiasmado, teria feito uma doutrina, que a atribuiu a Cristo (tese). Depois, João, com seu Evangelho constituiu a antítese. Finalmente São Marcos fez a síntese.

Aprendemos também no decorrer de nosso curso que existem algumas figuras de linguagem no texto bíblico, tais como:

Metáfora: é a figura em que se afirma que alguma coisa é o que ela representa ou simboliza, ou com o que se compara. (Zc.3.8).

Símile: também afirma que alguma coisa é o que ela representa ou simboliza, sendo que apresenta um elemento comparador. (Is.53.2).

Metonímia: o emprego do nome de uma coisa pelo de outra com que tem certa relação (Gn.25.26; Lc.16.29; Gn.41.13; Jó.32.7)

Sinédoque: a substituição de uma idéia por outra que lhe é associada (Mt.3.5; 6.11; Gn.3.19; 19.20).

Hipérbole: É a afirmação em que as palavras vão além da realidade literal das coisas (Dt.1.28).

Ironia: É a expressão dum pensamento em palavras que, literalmente entendidas, exprimem sentido oposto (Gn.3.22; Jz.10.14; Jó.12.2; Mt.27.40).

Prosopopéia: É a personificação de coisas ou de seres irracionais (Sl.35.10; Jó.12.7; Gn.4.4).

Antropomorfismo: É a linguagem que atribui a Deus ações e faculdades humanas, e até órgãos e membros do corpo humano (Gn.8.12; Sl.74.11).

Enigma: É a enunciação dum idéia em linguagem difícil de entender. (Jz.14.14)

Alegoria: É a narrativa em que as pessoas representam idéias ou princípios (Gl.4.21-31).

Parábolas: É uma forma de história colhida da natureza ou de ocorrências diárias normais, que lança luz sobre uma lição moral ou religiosa

Profecia: A profecia da Escritura pode ser definida como a inspirada declaração da vontade e propósitos divinos. (Ver. Is.61.1,2; Lc.4.21). Não se deve esquecer que Jesus é o tema de toda a profecia (IPÊ.1.10,11).

Tipos: É uma classe de metáforas que não consiste meramente em palavras, mas em fatos, pessoas ou objetos que designam fatos semelhantes, pessoas, ou objetos no porvir (Hb.9.8,9; Jo.3.14; Mt.12.40).

Símbolos: É uma espécie de tipo pelo qual se representa alguma coisa ou algum fato, por meio doutra coisa ou fato conhecido, para servir de semelhança ou representação. É diferente do tipo por não prefigurar a coisa que representa. Ele simplesmente representa o objeto (Ap.5.5; IPÊ.5.8; Js.2.18). Os símbolos podem ser apresentados na forma de objetos (sangue, ouro, etc.); nomes (Abraão, Israel, Jacó, etc.); números (seis, sete, oito, etc.) e cores (púrpura, escarlate, etc.). Poesia: é a mensagem de Deus revelada através do lirismo da poesia judaica. Está presente desde Gênesis até o Apocalipse. A poesia hebraica não possui rima. Composta por paralelismo: sinonímico – o segundo verso repete com sinônimos (Sl.20.2,3; PV.23.24,25); antitético – o segundo verso é uma antítese ao primeiro. (Sl.1.6; 71.7; PV.12.1,2) e sintético – o segundo verso amplia a mensagem do primeiro (Sl.19.7; 119.97,103; PV.23.23).

Portanto fica claro que assim como é impossível conceber a idéia de alguns profissionais sem suas respectivas caixas de ferramentas assim também é impossível conceber a idéia de um vocacionado sem a Hermenêutica dada sua devida importância para aqueles que querem trabalhar com seriedade na seara do Senhor.